



O QUOTIDIANO COMO LUGAR DE REVELAÇÃO

Conferência

Luciano Manicardi

Tradução: **Ana Rita Sousa**

Caderno 33

Lisboa

5 de Outubro de 2018

Premissa

Iniciamos a nossa reflexão com algumas perguntas. Temos consciência do quotidiano? Vemo-lo? Sabemos exprimi-lo, descrevê-lo? Como se reflete em nós o habitual? As paredes entre as quais vivemos, as lojas em que compramos, as ruas que percorremos, os objectos que usamos... Será possível que, precisamente aquilo com que mais lidamos no dia a dia, não exerça em nós influência? Será possível que o possamos descurar sem nos preocuparmos com isso? Na verdade, as “coisas” do quotidiano falam de nós, do que somos. Neste texto, não consideramos as “coisas” apenas como objectos mas, com todo o seu âmbito material e imaterial, visível e invisível - o exterior que influencia o interior e o interior que se reflete no exterior; elas são o diálogo ininterrupto que os sentidos estabelecem com o mundo e, através dos quais, o mundo toca a nossa alma. Deste modo, o quotidiano tem, assim, uma valência antropológica mas, também, espiritual. E deve interpelar também o cristão. Não deveremos nós entender como referência ao quotidiano, à pequenez do ordinário, a expressão evangélica que afirma que quem é “fiel no pouco” (Mt 25,21.23) receberá autoridade sobre o muito?

O quotidiano e o evangelho

Porquê reflectir sobre a relação entre quotidianidade e evangelho? E como fazê-lo?

Antes de mais, devemos dirigir a nossa atenção para o *quotidiano*. Porquê? Porque nada existe fora do quotidiano. Tudo acontece no quotidiano. Até mesmo o extraordinário. Também o excepcional acontece no quotidiano, e podemos compreendê-lo enquanto tal somente na perspectiva do ordinário. Mas, muitas vezes, o quotidiano é pouco considerado, é desvalorizado em relação ao festivo, ao excepcional, ao que é *extra ordinário*.

Devemos reflectir, também, porque tudo aquilo que nos é familiar não é, necessariamente e só por isto, conhecido. O quotidiano envolve-nos e, precisamente porque estamos imersos nele, requer particular atenção e reflexão. O risco é dá-lo por descontado. É preciso, portanto, tornarmo-nos conscientes e estarmos “presentes” perante os objectos, os ambientes, as palavras e os gestos, as relações e os encontros do quotidiano que, muitas vezes, são desvalorizados pela habituação, ou considerados sem importância, ou permeados de

aborrecimento ou minados pela superficialidade, ou simplesmente removidos, para que não sejam vistos. Desqualificados porque dias “úteis”, banais, repetitivos. “Mas, está tudo aqui?”, leva-nos o quotidiano a dizer. E, no entanto, “até numa colherinha de café o sol se reflete”¹, ao ponto de devermos perguntar: existem coisas ‘banais’? Ou a banalidade reside, sobretudo, em quem pensa assim? A quotidianidade corre o risco de permanecer desconhecida ou, pelo menos, não reconhecida como deveria, mal conhecida, desvalorizada em relação às coisas que consideramos grandes, importantes, excepcionais. Mas precisamente o quotidiano é o “lugar” em que nós realizamos a nossa humanidade, nos construímos como pessoas, construímos as relações que dão sentido e sabor ao nosso viver: amizades, amores, uma família. Ou seja, as pequenas coisas do quotidiano não são, afinal, assim tão pequenas.

E ainda, já que o quotidiano é o lugar do culto existencial, é também a realidade do que se celebra no rito. Retomando uma expressão de Karl Rahner tirada do seu livrinho *Coisas de todos os dias*, podemos afirmar que, para o cristão, o dia não feriado, o quotidiano, é “o espaço da fé, a escola da sobriedade, o exercício da paciência, o saudável desmascarar das palavras pesadas e dos ideais fictícios, a silenciosa ocasião para amar e ser fiel de modo autêntico, a prova da objectividade, que é a semente da mais alta sabedoria”². Portanto, o quotidiano interpela não apenas a nossa humanidade, mas também, a fé.

Assim, do ponto de vista do *Evangelho*, a relação quotidianidade-evangelho sugere-nos que olhemos de modo diferente para o próprio Evangelho, indica-nos um outro ponto de vista a partir do qual devemos ver o próprio evangelho, Jesus e o Evangelho. Conhecer Jesus na sua relação com as coisas de todos os dias, com as realidades elementares da vida, relação sobre a qual normalmente não nos interrogamos, e no âmbito da qual, habitualmente, não analisamos Jesus. Mas, também ele viveu do quotidiano. Caminhou (e quanto! – deslocava-se a pé e constantemente), comeu e bebeu, muitas vezes em companhia de outras pessoas, em banquetes e, também, com companhias nem sempre recomendáveis; dormiu, conheceu a realidade do trabalho, das relações familiares e sociais, teve conversas de vários tipos, relações de diferentes níveis, falou e também fez silêncio. Jesus observou os lírios do campo e os pássaros do céu, o semeador e o ceifeiro, o pescador que deita as redes ao mar, o pescador

¹ S. Giedion, *A Era da mecanização*, Feltrinelli, Milão 1967, pág. 12.

² K. Rahner, *Coisas de todos os dias*, Queriniana, Brescia 2016⁴, págs. 6-7.

que lava as redes depois da pesca, pernoitou numa casa, teve amigos, observou os corvos e as raposas, passarinhos e cães, lírios e flores do campo e, como vemos pelas parábolas, fez da sua observação do quotidiano a base do seu ensinamento teológico. Anunciou o Reino de Deus falando de uma galinha que reúne os pintainhos debaixo das asas e de um homem que prepara um banquete de núpcias para o filho, observou os movimentos e as cores das nuvens no céu para inferir a mudança de tempo, agarrou os ramos de uma figueira e, sentindo a sua maleabilidade, deduziu a proximidade do Verão. Em suma, a humanidade de Jesus foi plasmada a partir da relação com o quotidiano. E a humanidade “quotidiana” de Jesus è lugar de revelação de Deus.

Vamos procurar captar, partindo de perspectivas laterais - não centrais – (tais como a relação com a Torá e com Deus), de detalhes e recantos do texto evangélico, elementos constitutivos do viver quotidiano de Jesus. Obviamente, para que nos possa instruir. Por detrás da minha actual pesquisa dos evangelhos, a ideia é precisamente esta: colher a humanidade de Jesus que educa e instrói a nossa humanidade.

O risco do quotidiano ou o quotidiano como catástrofe

Interroguemo-nos: como é que vivemos o quotidiano? Não será, talvez, no banal decurso dos dias que, muitas vezes, se vão preparando as nossas catástrofes existenciais e relacionais? Não nos acontece que, diante da agudização ou da ruptura de uma relação conjugal, ao fim traumático de uma amizade, o suicídio de uma pessoa querida mas, também, diante de uma reprovação na escola, o fim de um namoro, ficamos a pensar e a dizer a nós mesmos, a dada altura - “eu deveria ter...”, “porque é que eu disse aquilo, em vez de ficar calado?”, “porque é que agi assim, e não de outro modo?”. Repensamos detalhes, um piscar de olhos, um gesto ou uma palavra a que não demos importância naquele momento, mas agora, situados no depois, já nos parece cheia de presságio do que iria acontecer. E talvez nos culpabilizemos. *De facto, até mesmo o inelutável tem uma história, até o inelutável é preparado no quotidiano.* Mesmo aquilo que acontece como inelutável, na verdade foi preparado, mais ou menos conscientemente, pelos nossos gestos, pelos nossos comportamentos, pelas nossas palavras ou pelas nossas omissões. Num romance de um autor contemporâneo, a situação de um casamento que se rompe e que leva a um episódio de infidelidade, mais tarde concluído em tragédia, um dos protagonistas diz: “percebi que poderíamos facilmente ter impedido tudo

isto que aconteceu mas, nenhum de nós dois tomou a decisão de parar este veículo em marcha louca. Nenhum de nós pensou nisso. Muitas vezes, isto acontece nas situações em que ninguém é realmente inocente”³.

Ora, é o próprio Jesus, na verdade, é o Evangelho que nos adverte do facto de o quotidiano poder ser somente a preparação da catástrofe. No discurso escatológico do Evangelho segundo S. Mateus, Jesus diz: “Como foi nos dias de Noé, assim acontecerá na vinda do Filho do Homem. Nos dias que precederam o dilúvio, comia-se, bebia-se, os homens casavam e as mulheres eram dadas em casamento, até ao dia em que Noé entrou na Arca; *e não deram por nada* até chegar o dilúvio, que a todos arrastou. Assim será também a vinda do Filho do Homem” (Mt 24,37-39). Se virmos bem o texto de S. Mateus, esta geração de Noé, antes de se afogar no dilúvio, estava afogada na sua inconsciência, na sua não vigilância, no desconhecimento do que se estava preparando. Estava afogada num quotidiano que se tornou horizonte totalizador e atordoante, capaz de entontecer e embrutecer, porque vivido sem consciência. Aquela geração não é acusada de especiais maldades mas, de não se ter dado conta de nada, de não ter compreendido nada (*non cognoverunt*). A versão de Lucas deste mesmo episódio acrescenta a dimensão do trabalho ao quadro do quotidiano da geração de Noé: “comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e construíaam” (Lc 17,28). Obviamente que, comer e beber, casar-se e ter filhos, fazer comércio e trabalhar a terra, assim como tudo o resto que constitui o suporte da vida quotidiana, não é, de todo, reprovável. Mas o texto interpela-nos sobre a possibilidade de viver sem viver, de viver sem saber porquê, de viver de modo inconsciente. Uma vida assim - que é sempre uma possibilidade para todos e não apenas uma prerrogativa da geração de Noé - verifica-se quando aquilo que vivemos exteriormente não é revivido interiormente, quando nos adaptamos à monotonia das notícias e nos eximimos ao trabalho de profundidade que é a interpretação, quando nos lançamos nos braços do demónio da facilidade e nos recusamos ao esforço daquilo que é difícil. Vivemos, então, como o filho mais novo da parábola de Lucas: de modo insensato, longe da salvação (*asótos*, diz o texto grego: Lc 15,13), fugindo de si mesmos. Vive-se fora de si, ao ponto de que para encontrar a ponta do novelo da sua própria existência, o jovem da parábola terá de “voltar a entrar em si” (Lc 15,17: *in se reversus*). Não é na profundidade que nos afogamos

³ Ph. Besson, *La maison atlantique*, Julliard, Paris 2014, p. 112.

mas, na superficialidade. A catástrofe de uma existência pode esconder-se nas pregas aparentemente inócuas ou banais do quotidiano. Viver seriamente o quotidiano significa, portanto, estar presentes a si mesmos, estar – por quanto for possível – naquilo que se faz, habitar as palavras que se pronunciam, ou seja, *tornar-se conscientes*, ou, para usar a linguagem evangélica, *ser vigilantes*.

De que é feito o quotidiano?

Para falar do quotidiano é preciso, antes de mais, vê-lo e nomeá-lo. Sendo ele aquilo em que o homem está constantemente imerso, e no qual é constantemente contemporâneo, o quotidiano é pouco visível e reconhecível. O quotidiano é a vida como normalmente a vemos. A vida é, de facto, o que revela o quotidiano e, ao mesmo tempo, também aquilo que o esconde. Por exemplo, a *repetitividade*. Tudo aquilo que é vital tem que ser repetido quotidianamente, mas, tudo o que é repetido, é executado mecanicamente, inconscientemente, sem que pensemos. Claro, é preciso estar atentos enquanto fazemos a barba de manhã mas, o quotidiano está imbuído de uma quantidade de gestos memorizados e quase automáticos que se tornaram suportáveis precisamente pelo facto de não terem que ser objecto de reflexão ou decisão. O ritmo matinal do pequeno-almoço, o percurso do comboio para ir e regressar do trabalho, os gestos sempre idênticos da empregada do supermercado, etc. O quotidiano é, também, constituído por uma série de *actos “humanos” elementares* como comer, dormir, trabalhar, repousar, falar, etc. Mas devíamos ir mais a fundo, ou melhor, mais em pormenor e redescobrir que, do quotidiano, também fazem parte gestos como preparar um café, dar um passeio, contemplar um pôr-do-sol, cozinhar, sair à varanda, ler um jornal ou um livro, cumprimentar alguém com quem nos cruzamos, conversar com um conhecido, brincar com o nosso cão, rir ou chorar, dizer piadas, arreliar-se, comprar uma roupa, ir a uma loja... E deveríamos acrescentar *o quotidiano contemporâneo*, ou seja, os elementos que tornam o nosso quotidiano diferente do quotidiano de quem viveu há anos ou decénios atrás: ver televisão, navegar na Internet, telefonar com um telemóvel, usar um *smartphone*, um *iPad*, apanhar um avião, etc. Estamos diante da tecnologização do quotidiano, do quotidiano à prova de *web*. A pergunta que nos devemos colocar é a seguinte: o que fazemos com este quotidiano? Ou melhor, o que fazemos de nós através do quotidiano? Mas também nos devemos colocar mais vezes a pergunta, sempre tardia: o que fez de nós o

quotidiano? Em que é que nos tornou? Quem somos agora, em quem nos tornámos? É na não-vigilância, no acumular horas de vida inconscientes de si próprios, que se esconde a banalidade do mal e se prepara a ruína da existência pessoal. Põem-se duas perguntas: que elementos devem contribuir para uma fisionomia do evangelho vivido no quotidiano? Que base pode inspirar uma vivência cristã do quotidiano?

Pense o leitor no seu próprio quotidiano: de que é feito, como é que o vive, o que mais o cansa, o que mais lhe dá alegria. Estas perguntas encontrarão resposta no percurso que vou percorrer convosco. Por ora, limito-me a indicar três elementos problemáticos do quotidiano.

O hábito

O hábito é um mecanismo que facilita e simplifica a vida. Diz-nos que não é preciso pensarmos e refletirmos, e decidir tantas coisas do nosso quotidiano: levantamo-nos e já sabemos que devemos lavar-nos, mudar de roupa, tomar o pequeno-almoço, e por aí em diante. Frequentemente, fazemos estas coisas de forma automática. Mesmo no plano ético, vivemos muitas vezes de hábitos. Também existem hábitos para os vícios e, normalmente, os maus hábitos são mais potentes que os bons. A Regra de S. Bento afirma que o noviço deve, graças à ascese e à repetição quotidiana de gestos, adquirir bons hábitos que afastem os maus. Uma vez percorridos todos os doze degraus da humildade em subida, eis que “aquilo a que o monge se adequava com trepidação e esforço no início, começará a observá-lo e vivê-lo sem penas, com uma espécie de naturalidade, como que por hábito – não por medo do inferno mas por amor de Cristo, em virtude daquele bom hábito” (RB 7,67-69). Claro que os hábitos podem chegar a exercer sobre nós uma verdadeira tirania. Segundo Beckett, “o hábito é um compromisso estabelecido entre o indivíduo e o ambiente que o circunda, ... garantia de uma inviolabilidade torpe, o para-raios da sua existência. O hábito é o lastro que pesa no pescoço do cão e o puxa para o seu vómito”⁴. Também se chama rotina (*routine*): que, literalmente, significa “pequena via”, estrada rápida e pequena que se percorre quando não se ousa percorrer a estrada maior e mais longa. Há nela uma tirania, uma ditadura dos hábitos que agem em nós e nos tiram a liberdade e a responsabilidade⁵. O hábito, escreve Séneca,

⁴ S. Beckett, *Proust*, SE, Milão 2004, p. 18.

⁵ Ch. Duhigg, *A ditadura dos hábitos. Como se formam, quanto nos condicionam, como mudá-los*, Corbaccio, Milão 2013².

“imobiliza as coisas”⁶ e paralisa a pessoa, automatiza-a. O homem é um ser habitudinário, que instintivamente opta pelas soluções conhecidas, por aquilo que é usual, já experimentado e, portanto, mais fácil e tranquilizador. Claro que, muitas vezes, os hábitos otimizam o tempo, representam a solução experimentada mais funcional para um dado problema. Todavia, os hábitos geram preguiça e distanciam-nos da vida, tiram-nos o impulso vital da curiosidade, o gosto pela aventura, fecham-nos no já conhecido e retiram-nos o fascínio do desconhecido. É como aqueles trilhos abertos no meio do bosque ou num campo, marcados pela passagem repetida e quotidiana de quem caminha sobre eles.

São trilhos que marcam o caminho mais rápido entre um lugar e outro. Se tivémos sido nós a abrir aquele caminho com os nossos pés, a dada altura, descobrimos que é o atalho que nos leva, que seguimos por ele de modo mecânico e inconsciente. Desta forma, privamo-nos da possibilidade – que poderíamos ter se fizéssemos alguma digressão, se introduzíssemos novidade no nosso caminhar, se mudássemos de percurso – de descobrir um cogumelo debaixo de um carvalho, uma flor na margem de uma vala, ou um esquilo a trepar a um castanheiro ... Ao módico preço de uns minutos extra de caminho. E, depois, repito, existem os maus hábitos que, muitas vezes, habitam o nosso quotidiano e, contra os quais seria preciso, de forma criativa, procurar estratégias de saída. Hábitos que se tornam dependências (alcoól, fumo, drogas, jogos de fortuna ou azar, ludopatia, dependências sexuais, dependência do computador, etc.) que podem também arruinar uma vida familiar, quer do ponto de vista económico, quer do ponto de vista relacional. Vamos ver como, nos Evangelhos e na praxis de Jesus, emergem aspectos como a *curiosidade* e a *criatividade*, aspectos que podem tirar partido das nossas necessidades que conduzem à criação de hábitos mas, modificar os seus percursos, abrindo assim espaço à liberdade da pessoa.

O tédio

O tédio é o sentimento de perda de uma meta e de um objectivo na vida. É a dolorosa descoberta de que a vida parece não ter sentido. O tédio é uma sensação de náusea, de enfado, ausência de gosto de viver devido á real ou presumida falta de estímulos interessantes, à repetição monótona dos mesmos acontecimentos, à ausência de motivações interiores, à falta

⁶ Seneca, *De tranquillitate animi* 1,3 (in Seneca, *Todas as obras*, organizado por Giovanni Reale, Bompiani, Milão 2000, p. 201).

de sabor nos relacionamentos. O tédio é uma espécie de censura que lançamos aos objectos, por serem demasiado apagados, pálidos, sempre iguais; É uma espécie de censura sobre os outros seres humanos, por serem insípidos, sem interesse, banais, superficiais. Os monges davam o nome de acídia ao tédio – palavra essa que significava falta de cuidado, descuido (*alfa*, tirar e *kedos*, cuidado): O tédio produz desinteresse pela vida, por si próprio e, então, deixamo-nos descuidados, habitados pela indiferença, incapazes de relações duradouras⁷. O tédio é também desconforto. E exprime-se no lamento: o lamento è a linguagem do entediado, do monge preso à acídia. Defende Cassiano que a acídia é produzida pelo demónio do meio-dia que, no monge, “gera a aversão pelo lugar [em que se encontra], a repugnância pela cela e, até, o desdém e o desprezo pelos irmãos que vivem com ele ou a uma certa distância, apresentando-os como pessoas negligentes e, tantas vezes, pouco espirituais”⁸. Inércia, preguiça, insensibilidade, enjoo do coração, aborrecimento da vida: são alguns aspectos do tédio mortal. A literatura monástica liga a acídia ao demónio do meio-dia, que ataca na hora mais quente do dia, quando se sente mais o cansaço e o sono, quando se relaxam as defesas interiores e diminui a vigilância. Na antiguidade, o demónio do meio-dia estava também ligado à figura do deus pagão Pan que, precisamente ao meio-dia, irrompia, excitado, à caça de jovens e donzelas e, se não conseguia agarrá-los, masturbava-se: o meio-dia era, assim, a hora de pan⁹.

Ora, na experiência do tédio, nós sentimos que o quotidiano nos desilude profundamente, nós próprios nos desiludimos e sentimo-nos exilados de sentido. Todavia, estas conotações negativas do tédio não são as únicas. Poderíamos dizer que o tédio é o momento negativo das grandes perguntas: Porquê viver? Porquê agir? Quem sou? Que sentido tem o meu existir? O que é que estou a fazer neste mundo? Assim, o tédio pode revestir-se também de conotações importantes e vitais. A acídia, a atonia da alma, é também uma forma de lucidez sobre o quão vã é a vida ou, pelos menos, grande parte da nossa existência quotidiana. O tédio pode ser um grande momento de verdade, permite-nos momentos de pausa, de reflexão, de lucidez, de pensamento próprio e não apanhado do exterior. Sabemos que Einstein desenvolveu a

⁷ Cf. G. Bunge, *Akedia. Il male oscuro*, Qiqajon, Bose 1999.

⁸ Cassiano, *Istituzioni cenobitiche* X,2. Cf. Giovanni Cassiano, *Le istituzioni cenobitiche*, compilado por Luigi d’Ayala Valva, Qiqajon, Bose 2007, p. 264.

⁹ Cf. S. Benvenuto, «La nebbia silenziosa», in O. Feinichel, S. Benvenuto, B. Moroncini, G. Pizza, *Noia*, Edizioni Grenelle, Potenza 2017, p. 42.

teoria da relatividade durante um período em que o seu estado de alma era particularmente entediado, e sonhava de olhos abertos. No seu livro *Solidão feliz*, a psicanalista Françoise Dolto defendeu com vigor a importância de a educação da criança contemplar momentos de solidão e de tédio, nos quais não faz nada, nos quais está sozinho e à parte. Trata-se de revalorizar as assim chamadas *pulsões passivas*. Fantasiar, estar sem fazer nada, estar à parte, observar, olhar, estar com as mãos nos bolsos, todos podem ser comportamentos importantes e fecundos para a criança, que não deve ser estigmatizada ou repreendida por isso¹⁰. Iremos ver que Jesus buscava a solidão e a cultivava, uma solidão que se revelava fecunda. E nós devemos também descobrir como é importante e bem presente na vida de Jesus, a capacidade de *se espantar*, a capacidade de ver o mundo como se fosse a primeira vez. O espanto é a faculdade humana e espiritual decisiva para uma vida plena.

A fuga de si próprios

Todos nós precisamos de momentos de evasão, de distração, de não estar sempre presentes a nós mesmos e às nossas responsabilidades, ao nosso papel a desempenhar na família, no trabalho, na escola¹¹. Temos necessidade de respirar, distantes da nossa qualidade de filhos, de mães ou pais, de empregados da loja, de professores, etc. Ver um filme, ler um livro, dar um passeio, já são pausas momentâneas que nos permitem não ficar esmagados e poder voltar, depois, às nossas actividades, fortalecidos. Mas hoje, frequentemente, a quotidianidade pesa-nos de modo especial. Na sociedade da prestação¹², que exige pessoas eficazes e sempre à altura de *performances* elevadas sobretudo no trabalho, talvez sob ameaça de perder o emprego se não atingirmos certos *standard* produtivos, na sociedade que produz descartáveis, como repete o papa Francesco, que nos pede para sermos responsáveis por nós mesmos, que nos tornemos nós próprios e que pede sempre, também aos jovens, que “sejam eles mesmos”, que exige a construção da sua própria identidade ao sujeito, que lhe exige estar sempre à altura dos vínculos sociais, é evidente que pode insurgir-se, mais facilmente que no passado, a sensação de não conseguirmos, de não estar à altura e, por isso, surge a tentação de fugirmos de nós mesmos, de desaparecer. Se é verdade que alguns

¹⁰ F. Dolto, *Solitudine felice. Interiorità e comunicazione dalla nascita all'età adulta*, Mondadori, Milano 1996, pp. 363-366.

¹¹ D. Le Breton, *Fuggire da sé. Una tentazione contemporanea*, Raffaello Cortina, Milano 2016.

¹² F. Chicchi – A. Simone, *La società della prestazione*, Ediesse, Roma 2017.

exemplos desta fuga da vida e da quotidianidade produziram frutos extraordinários (pensemos nas poesias de Emily Dickinson que, aos 30 anos, decidiu nunca mais sair de casa, retirar-se para o seu quarto e recusar ver ou encontrar-se com outras pessoas; se alguém lhe batia à porta, respondia-lhe por dentro, sem abrir a porta e sem ter que ver o rosto do interlocutor), os êxitos e as manifestações desta tentação contemporânea são, no entanto, muito devastadoras normalmente, e mais frequentes do que possamos imaginar. Pensemos no sono compulsivo em que alguém se refugia - aquele sono que, para nós, no quotidiano, tem a valência de reparação, que nos permite cortar com as responsabilidades à nossa volta e afrouxar a assunção de inquietações. Já o sono compulsivo é uma forma de fuga à realidade. Podemos também pensar na anorexia, nas dependências do álcool, no *burnout* produzido pelos ritmos frenéticos do trabalho e da concorrência impiedosa - não apenas entre empresas mas, também, entre colegas e departamentos internos da mesma empresa -, pensar nas depressões, nas doenças psiquiátricas e do sujeito - pelas quais a pessoa se fracciona em tantas personalidades - ou pensar em quem multiplica a sua actividade ao ponto de reduzir o seu ser apenas ao fazer.

Podemos também pensar nos jovens japoneses hikikomori (pelo menos um milhão) que se barricam no seu quarto e do qual não saem durante anos, navegando na internet e sustentando-se de pequenos trabalhos via web¹³, ou nos jovens que procuram as “viagens” alucinogénias, que experimentam a extrema mobilidade das amizades, que se escondem por detrás de uma filmagem, ou de conexões cujo *nickname* os mantém no anonimato, protegendo-os de encontros cara a cara, ou nas pessoas que desaparecem sem deixar rasto ou qualquer endereço. E, já que existe o direito a desaparecer - ainda que a polícia os encontre - se não quiserem regressar, estas pessoas deixam os seus entes no desânimo e na angústia mas podem iniciar uma vida nova, ou a ilusão de uma vida nova noutra local e num contexto totalmente diferente. Em suma, não é fácil suportar o quotidiano. É preciso equilíbrio, capacidade de habitar-mos o nosso eu, de alternar momentos de pausa e momentos de responsabilidade.

A relação com o tempo

¹³ M. Zielenziger, *Non voglio più vivere alla luce del sole. Il disgusto per il mondo esterno di una nuova generazione perduta*, Elliot, Roma 2008.

A *quotidianidade* tem, sobretudo, a ver com o tempo, com a forma como este (es)corre, dia após dia. Tem a ver com a duração, com a difícil tarefa de não nos deixarmos andar no dia após dia (*vamos indo*), de resistir ao risco de nos deixarmos entontecer pela *quotidianidade*. A *quotidianidade* pede-nos, portanto, que nos interroguemos sobre a forma como vivemos o tempo. Pergunta-nos como vivemos e se sabemos viver a *espera*, os tempos de espera ou se, para nós, eles são sempre e apenas tempos mortos, como se costuma dizer, à parte de uma vida que é, essencialmente, fazer. Interpela-nos sobre a perseverança, sobre a fidelidade. Ou seja, pede-nos que nos interroguemos sobre como vivemos o tempo. É esta a primeira etapa do nosso itinerário. Mas, na base de qualquer relacionamento saudável com o quotidiano, o Evangelho propõe a *vigilância*. Ou seja, para compreendermos o quotidiano como lugar de revelação, é preciso a virtude da *vigilância*.

A vigilância

Viver a fé no quotidiano exige que tomemos uma atitude de *vigilância*, atitude central no Novo Testamento (Mc 13,37; Mt 24,42-44.45-50; 25,1-13; Lc 21,34-36; 1Cor 16,13; Col 4,2; 1Ts 5,6; 1Pt 5,8; etc.). Trata-se de uma atitude global do homem, de atenção à presença do Senhor, de protensão interior para discernir a sua presença, de abertura radical, de todo o ser, à Sua vinda. Estando centrada no Senhor que veio, que vem e que virá, ela é atenção ao tempo e à história, ao corpo e à palavra, a si e aos outros, numa palavra, a *tudo*. E molda a pessoa que adere à realidade, que não dá nada por descontado, que foge da superficialidade e da banalidade, que por tudo se deixa interpelar e espantar. A pessoa vigilante é lúcida, crítica, temperada, presente a si mesma e aos outros, a tudo aquilo que vive. A *vigilância* é a atitude de quem permanece acordado e não se deixa entontecer pela *repetitividade* que embebe o quotidiano. Não é de espantar que um padre do deserto, Abba Pomen, tenha afirmado que “não precisamos de nada mais a não ser um espírito vigilante”¹⁴.

Alguns trechos evangélicos evidenciam diferentes aspectos da *vigilância*.

“«Tomai cuidado, vigiai, pois não sabeis quando chegará esse momento.³⁴ É como um homem que partiu de viagem: ao deixar a sua casa, delegou a autoridade nos seus servos, atribuiu a cada um a sua tarefa e ordenou ao porteiro que vigiasse.³⁵ Vigiai, pois, porque não

¹⁴ Poemen 135, in *Vita e detti dei padri del deserto*, vol. 2, Città Nuova, Roma 1975, pp. 116-117.

sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar o galo, se de manhãzinha; ³⁶não seja que, vindo inesperadamente, vos encontre a dormir. ³⁷O que vos digo a vós, digo a todos: vigiai!» (Mc 13,33-37)

Estas palavras de Jesus atestam que não temos poder sobre o tempo: não só não sabemos o dia da vinda do Senhor como não sabemos quando a nossa vida vai acabar: “E quem de vós, pelo facto de se inquietar, pode acrescentar um côvado à extensão da sua vida?” (Lc 12,25). Assim como o Senhor virá como um ladrão, assim a morte vem imprevisivelmente, inesperada, e interrompe bruscamente os sonhos de bem-estar do homem rico: “Deus, porém, disse-lhe: ‘Insensato! Nesta mesma noite, vai ser reclamada a tua vida; e o que acumulaste para quem será?’” (Lc 12,20). Eis um elemento importante da vigilância, que está na base do viver bem o quotidiano, sobretudo a relação com o tempo: estar conscientes da nossa mortalidade, do facto de que iremos morrer. A Regra de S. Bento pede ao monge este exercício quotidiano: *Mortem cotidie ante oculos suspectam habere*: “Ter todos os dias presente, diante dos olhos, a iminência da nossa morte” (RB IV,47). A arte de nos prepararmos para a morte, de integrar a perspectiva da nossa morte na vida, não é um exercício de cinismo ou uma atitude macabra, mas de ascese, tendo em vista viver melhor. Precisamente porque diz respeito à relação com a morte e com a vida, a vigilância não è delegada, de modo exclusivo, a algumas pessoas da Igreja (o Bispo, *episcopo*, “aquele que vela sobre”) mas é pedida a todos, a qualquer baptizado. É a vigilância que cria a qualidade cristã da pessoa. Mas, também, a sua qualidade humana de pessoa profunda e lúcida. Ter presente o momento em que fecharemos os olhos para sempre, em que o nosso corpo fechará os olhos para sempre, impulsiona-nos a tê-los abertos agora, hoje, no nosso quotidiano, e a considerar tesouro tudo aquilo que podemos ver hoje, aqui e agora.

“Tende cuidado convosco: que os vossos corações não se tornem pesados com a devassidão, a embriaguez e as preocupações da vida, e que esse dia não caia sobre vós subitamente” (Lc 21,34).

Vigilância é também sobriedade, moderação, medida. O quotidiano ameaça-nos com o risco de um coração pesado, de espessamento do coração, de endurecimento do coração, de que se torne cínico, calejado e, por isso, insensível. Vigilância é, então, a luta activa contra a sonolência e a embriaguez, contra o sono como fuga da vida e contra a embriaguez como

evasão da lucidez, refúgio no não pensar, atordoamento. Contra os excessos da comida e da bebida, que fazem pesar não só o corpo mas, também a alma. A vigilância põe-nos atentos à desmedida, pede temperança, atenção ao uso das coisas e à relação com a comida e bebida. Os três termos usados em Lc 21,34 evocam os âmbitos da *sexualidade*, que pode ser lugar de uso e de abuso em vez de ternura e profundidade, em vez de verdade do encontro; da convivialidade, do *comer e do beber*, que pode tornar-se, em vez de ocasião de festa, de alegria partilhada, vilipendiação e vulgaridade. (Referi a convivialidade, mas, quantas pessoas se encontram quotidianamente a comer sozinhas, na mais desolada e penosa solidão?). Por fim, a vigilância deve praticar-se perante os *afãs da vida*. Poderíamos traduzir por “angústias existenciais”. A preocupação desmedida pelo seu eu, pela sua saúde, pelo seu corpo, pelo seu êxito. Esse deixa-se tomar pela preocupação de si próprio e já não vê a realidade, apenas o seu eu. Ou, então, podem chegar demasiados e excessivos sofrimentos que nos põem em confusão, que nos fazem entrar num estado de enevoamento mental tal que deixamos de ser donos da nossa vida. E, então, torna-se dramaticamente verdadeiro na nossa existência o verso do poeta Thomas Stearns Eliot que diz: “Onde está a Vida que perdemos, vivendo?”¹⁵. A não-vigilância leva-nos a existir sem viver, a perder a vida vivendo. Sem vigilância, sem esta atitude de atenção e de presença perante o real, e presença perante si mesmos, esta atitude de autocrítica e de crítica, esta atitude de reflexão e ponderação, arriscamo-nos a ter o mesmo fim que teve a geração de Noé, de sermos arrastados pelos acontecimentos e surpreendidos pelo tempo que passa.

Em conclusão, vigilância é a atitude que comporta sempre uma luta. É luta contra a vertigem, contra a embriaguez de fugir a si pelo caminho do desregramento sexual, contra a obtusidade dos sentidos; é o esforço de não sermos dissipados, é a adesão à realidade que ensina a humildade, é o esforço de estar acordados, de ter os olhos bem abertos. Muitas vezes, os convites à vigilância são acompanhados pela ordem de Jesus: *blépete*, que quer dizer vejam, tenham os olhos bem abertos (Mt 24,4; em Mc 4,24 encontramos uma expressão curiosa: “Tomai sentido no que ouvís”; *blépete tí akoúete*), estai atentos - para estar prontos, não se deixem surpreender pelo fluxo quotidiano do tempo e pelo suceder-se dos acontecimentos.

¹⁵ T. S. Eliot, *La Rocca. Un libro di parole*, Edições Biblioteca di via Senato, Milano 2004, p. 27.

A *prontidão* é uma marca da pessoa vigilante: estão prontas as virgens que têm consigo as lâmpadas com azeite e podem acolher o esposo (Mt 25,10). Vigilância é, portanto, também prudência, humildade, sentido do limite, perspicácia. É o espanto que nos leva a dizer, como Jacob, “O SENHOR está realmente neste lugar e eu não o sabia!” (Gen 28,16). É a maravilha, semelhante à de Abraão que, acolhendo alguns homens, sem o saber, acolheu o próprio Deus (Heb 13,2). É a descoberta que, seguindo as pegadas de Moisés, nos leva a ver o cotidiano como sarça ardente, como morada de Deus.